

## Alfabetização/Letramento na EJA: um diálogo conceitual

### Literacy/ Lettering in EJA: a conceptual dialogue

Lyzandra Santos da Silva<sup>1</sup>, Ana Luísa Tenório Santos<sup>2</sup>,  
Nara Elisa G. Martins-Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é socializar o processo que originou a genealogia e a cartografia sobre alfabetização/letramento na Educação de Jovens e Adultos (EJA). É decorrente de uma pesquisa realizada no Programa Institucional de Bolsas da Iniciação Científica (Pibic – 2019-2020), inserida no Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos (Multieja). Articulou-se a uma investigação luso-brasileira, denominada “Fundamentos e autores recorrentes do campo da educação de jovens e adultos no Brasil: a construção de um glossário eletrônico (2017-2020)”, vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Utilizou-se da abordagem quantitativa (Creswell, 2010), com ênfase na pesquisa bibliográfica/exploratória (Lima; Miotto, 2007), na análise documental (Lüdke; André, 2013), (Bogdan; Biklen, 1994) e na técnica da análise de conteúdo (Bardin, 1977). Neste artigo envolvemos um corpus de 27 artigos, gerados da pesquisa de iniciação científica que utilizou como fonte o repositório da Capes, em relação aos Periódicos A1 até B2, tendo como base os seguintes descritores “alfabetização na EJA”, “alfabetização e letramento na EJA” e “letramento na EJA”. Os resultados apontaram quantitativamente a escassez de publicações em relação ao período estudado (2001-2019), o que limitou a possibilidade de dispormos de mais verbetes constantes no glossário, expresso didaticamente por categorias. Concluímos que há um diálogo teórico-conceitual promissor entre os autores da Educação e da Linguagem, cujo conceito de alfabetização no contexto da EJA se caracterizou por sua transformação ao longo do tempo, originando o entrelaçamento entre os conceitos de alfabetização/letramento e linguagem que são extremamente necessários em todas as modalidades de ensino e, principalmente, na EJA.

**Palavras-chave:** Alfabetização/Letramento; Educação de Jovens e Adultos; Genealogia e Cartografia.

**Abstract:** The purpose of this article is to socialize the process that gave rise to genealogy and cartography on literacy/lettering in Youth and Adult Education (EJA). It is the result of a research carried out in the Institutional Scientific Initiation Scholarship Program (Pibic - 2019-2020), inserted in the Multidisciplinary Research Group on Youth and

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Integra o Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos (Multieja/Cedu/Ufal/CNPq). Email: lyzandra.silva@cedu.ufal.br

<sup>2</sup> Pedagoga. Mestra em Educação Brasileira pelo PPGE/Ufal. Integra o Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos (Multieja/Cedu/Ufal/CNPq). Email: aninhalu6@gmail.com

<sup>3</sup> Licenciada em Educação Física. Mestra em Educação. Doutoranda em Educação pelo PPGE/Cedu/Ufal. Integra o Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos (Multieja/Cedu/Ufal/CNPq). Email: martins\_neg@yahoo.com.br

Adult Education (Multieja). It was linked to a Portuguese-Brazilian investigation, called “Fundamentals and recurring authors in the field of youth and adult education in Brazil: the construction of an electronic glossary (2017-2020)”, linked to the Federal University of Santa Catarina (UFSC). We used the quantiquitative approach (Creswell, 2010), with an emphasis on bibliographic/exploratory research (Lima; Miotto, 2007), document analysis (Lüdke; André, 2013), (Bogdan; Biklen, 1994) and analysis technique of content (Bardin, 1977). In this article, we involved a corpus of 27 articles, generated from the scientific initiation research that used the Capes repository as a source, in relation to Journals A1 through B2, based on the following descriptors “literacy at EJA”, “literacy and lettering at EJA” and “literacy at EJA”. The results pointed out quantitatively the scarcity of publications in relation to the period studied (2001-2019), which limited the possibility of having more entries in the glossary, didactically expressed by categories. We conclude that there is a promising theoretical-conceptual dialogue between the authors of Education and Language, whose concept of literacy in the context of EJA was characterized by its transformation over time, originating the intertwining between the concepts of literacy/lettering and language that are extremely necessary in all teaching modalities and, mainly, in EJA.

**Keywords:** Literacy/Lettering; Youth and Adult Education; Genealogy and Cartography.

## 1 Introdução

O presente artigo é recorte de uma pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada "Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos: um estudo genealógico e cartográfico", realizada entre 2019 e 2020, e visou elaborar uma genealogia cartográfica dos conceitos de alfabetização/letramento, tendo como fonte o repositório da Capes, para a busca de artigos de A1 a B2, no período de 2001 a 2019, indagando: quais são as interrelações entre os conceitos de alfabetização/letramento inseridos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos?

O referido estudo articulou-se a uma pesquisa luso-brasileira, caracterizada como investigação matriz denominada: “Fundamentos e autores recorrentes do campo da educação de jovens e adultos no Brasil: a construção de um glossário eletrônico”, vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este tem como objetivo socializar o processo que originou a genealogia e a cartografia sobre alfabetização/letramento na EJA.

A socialização da pesquisa se tornou relevante, pois trata de uma temática central na formação do educador dos anos iniciais, em todas as modalidades, especialmente a EJA, tendo em vista ser expressivamente relevante nos cenários nacional, regional e local, no caso específico do Estado de Alagoas, que entre os estados brasileiros, ainda se encontra entre aqueles com maior número de pessoas acima de 15 anos (17,1%) que não tiveram acesso à escola por motivos histórico e social, dentre outros; e aqueles que interromperam seus estudos.

O referido estudo foi de base quantiquitativa (Creswell, 2010), com ênfase na pesquisa bibliográfico-exploratória (Lima; Miotto, 2007), na análise documental (Lüdke; André, 2013) e (Bogdan; Biklen, 1994) e na técnica da análise de conteúdo (Bardin, 2008), o que permitiu o registro e as reflexões acerca da temática.

Neste artigo trabalhamos com um total de 27 artigos publicados<sup>4</sup>tendo como base os recortes já estabelecidos, que originou o corpus. Esse total foi resultado da filtragem que se constituiu em um trabalho exaustivo de leituras de todos os textos, uma vez que os resumos e os títulos dos artigos não foram esclarecedores – nem sempre expressaram o real da busca, o que requereu mais dois levantamentos, e teve como apoio outras leituras de pesquisadores, a exemplo Soares, M (2018)<sup>5</sup> e Freitas, et al, (2020), dentre outros que permitiu por meio da análise documental o embasamento teórico, no sentido da elaboração das sínteses que contribuiram para a organização dos verbetes que compuseram o glossário correspondente às categorias levantadas sobre a temática e, conseqüentemente, a cartografia.

Cartografia entendida no sentido de um mapeamento temático, o que requereu um ato investigativo, conforme cita Krastrup (2007) representando a genealogia que emergiu das categorias, como foco dos trabalhos dos pesquisadores, sobre a temática. Isso trouxe a identificação de conceitos que foram norteadores na alfabetização/letramento da/na Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

As referidas categorias foram definidas a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). São elas: **Alfabetização**: entre o ato mecânico de ler e escrever e a perspectiva do direito; **Alfabetização/ letramento**: relação de dois conceito e **Linguagem**: sentidos e perspectivas.

O presente artigo se constitui em três partes, desde a introdução, na qual falamos sobre o percurso da pesquisa, seu objetivo, justificativa e aporte teórico. Em seguida discute-se as categorias e os respectivos glossários e verbetes. Destaca-se que o glossário se constitui em uma totalidade, mas para facilitar o estudo, didaticamente, apresentamo-lo por categorias. Na finalização apresentamos as (in)conclusões.

## 2 O que disseram as categorias

A técnica da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) contribuiu para organização das publicações em categorias, que foram estudadas didaticamente separadas, deixando explícita que há interrelações entre os conceitos de alfabetização/letramento inseridos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos mediados pela Linguagem, fato que concordamos com Soares (2020), quando afirma a indissociabilidade dos termos e propõe o *Alfalettrar*, que é o título do

---

<sup>4</sup> Inicialmente contamos com 43 artigos pertencentes ao banco de dados da pesquisa matriz que compreendeu o recorte do período de 2001 a 2018. Tornou-se necessário realizar na pesquisa Pibic, um levantamento complementar de artigos, também no portal da Capes relativo ao período 2018 a 2019, obtendo-se o acréscimo de mais 11 artigos, perfazendo um total de 54 publicações.

<sup>5</sup> Referimo-nos ao livro denominado Alfabetização e Letramento – 2018, que reúne textos clássicos publicados em periódicos que a pesquisadora Magda Soares faz uma releitura e os considera atuais.

seu novo livro<sup>6</sup> e mostra a integração dos conceitos na prática alfabetizadora. Nesse sentido, o diálogo entre a Educação e Linguística são imprescindíveis.

## 2.1 Categorias, Glossário e Verbetes

### 2.1.1 Alfabetização: entre o ato mecânico de ler e escrever e a perspectiva do direito

Esta categoria reuniu 18 dos 27 artigos que compuseram o estudo. Esses textos apontaram críticas à concepção da alfabetização que privilegia apenas uma das suas facetas: a aquisição do código alfabético e ortográfico, o que limita esse processo que é complexo e multifacetado (Soares, M., 2018). Por sua vez Freitas et. al. (2020, p.198) esclarecem que historicamente:

[...] o campo da alfabetização de adultos sempre esteve atravessado por conflitos e tensões. De modo geral, as práticas pedagógicas de sala de aula estão baseadas numa concepção de linguagem apenas como código. Uma concepção que por muito tempo sustentou o conceito restrito de alfabetização como mera técnica de transcrição. Até porque para ser registrado estatisticamente como alfabetizado era preciso apenas aprender, mecanicamente, a codificar e decodificar as unidades mínimas da fala. Um ensino voltado à aquisição do sistema alfabético como um código.

Essa compreensão perdurou por bastante tempo na EJA. Haddad et. al. (2000) apontam que, no período de 1986 a 1998, e de forma limitada essa área centrava-se apenas na relação entre pensamento e a linguagem ou, mais especificamente, sobre os possíveis impactos da alfabetização no desenvolvimento cognitivo (Haddad et al, 2000). A modalidade, ainda, encontrava-se distante do diálogo com a Linguística. É que na época a predominância das teses e dissertações centravam-se no Ensino Supletivo e outras em História e Política da Educação.

Soares, L. (2018) ao colocar o levantamento dos trabalhos apresentados na Anped, quando dos dez anos (1998-2008) do Grupo de Trabalho n. 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas mostrou que existiam artigos que já enfatizavam a aproximação entre a Educação e a Linguagem. Dessa forma, mesmo não tendo, inicialmente, na pesquisa ora em foco, o conceito de linguagem em vista de análise ele foi acrescido e originou uma categoria, e há verbetes que lhes dão sustentação, conforme comentamos neste texto.

As leituras apontam no quantitativo de artigos citados que os-as autores-as criticaram a perspectiva mecanicista da alfabetização e apresentaram

---

<sup>6</sup> Soares, M, nesse livro denominado Alfabetrar: toda criança pode aprender, apresenta atividades de alfabetrar realizadas e observadas em salas de aula da experiência que vivencia há 12 anos em escolas públicas municipais na cidade de Lagoa Santa em Minas Gerais. A pesquisadora mostra de forma didática como essas atividades podem ser aplicadas, sem constituir-se um “modelo” por todos os envolvidos em um objetivo comum e fundamental, na perspectiva de uma educação verdadeiramente democratizada, para tornar as pessoas alfabetradas.

a transformação do conceito, ao destacarem a sua articulação à construção da perspectiva do direito, como destaca nos próximos parágrafos.

Segundo Aguiar (2009, p.12) “a alfabetização não pode ser reduzida a um mero aprendizado mecânico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal e intelectual”. Ao fazer essa defesa, a autora afirma que a alfabetização é um processo contínuo e acontece, também, no contexto social, não assumindo neutralidade, uma vez que cada classe social vai adquirir um propósito e uso diferente, concordando com o que diz Soares, M. (2018).

Já Ribeiro, Vóvio e Moura (2002) trazem um conceito de 1958 em que a Unesco “[definiu] como alfabetizada uma pessoa capaz de ler ou escrever um enunciado simples, relacionado à sua vida diária” (Ribeiro; Vóvio; Moura, 2002, p. 3). Observamos, portanto, a defesa da alfabetização como um conceito amplo, que deveria extrapolar o pensamento de aquisição do código alfabético, isto é, ler uma simples sentença. É importante chamar a atenção para o fato de que o conceito de alfabetização varia entre países e entre classes sociais.

Pesquisadores como Stromquist (2001), Ribeiro, Vóvio e Moura (2002); Conti, Carvalho (2009); Eiterer, Abreu (2007); Pierzckalsk, Behling, Carlos (2019) entre outros, ao fazerem essa crítica, apontaram e defenderam a mudança nessa interpretação da alfabetização com o foco de considerar que “[...] alfabetizada é [...] a pessoa [com condições] de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida” (Soares, M. 1995, apud. Ribeiro; Vóvio; Moura, 2002, p. 3). O conceito da alfabetização vai se transformando e adquirindo um conceito mais próximo das concepções freireanas, para humanização, para inserção no meio social. E nesse sentido faz referência:

A tradição de educação popular [que] vê a alfabetização como um elemento essencial para o sujeito desenvolver maior conhecimento e maior entendimento do seu próprio ambiente, e ser, por tanto, uma ferramenta necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento de uma cidadania mais efetiva, que não só reconhece os direitos políticos de indivíduos, mas também seus direitos civis e sociais (Stromquist, 2001, p. 311).

E nesse contexto, o pesquisador traz a alfabetização como um direito, independente da faixa etária, do gênero e de classe. Um sentido de alfabetização que, além de ser para todos, envolva as suas múltiplas facetas. Já que enquanto “ferramenta necessária” remete às habilidades quanto ao código alfabético e ortográfico, mas que vai além, e não se faz neutra diante do contexto social.

Dos 18 artigos que compuseram a categoria, os pesquisadores apresentaram aproximações de interpretação para que os sujeitos possam desenvolver a leitura e a escrita, sem perder de vista a continuidade dos estudos. Dessa forma, alfabetização/letramento articulam-se em termos linguísticos e sociais, ou seja, alfabetizar/letrar são duas práticas indissociáveis.

No espaço de tempo entre a primeira publicação (2001) e a última (2019), os conceitos de Soares, M. (1999) aparecem de forma transversal nos textos que compõem essa categoria. É que seus escritos sobre a temática foram pioneiros no Brasil e contribuíram, sobremaneira, tanto para a área da

Linguística quanto para da Educação. Nessa categoria, destacamos os seguintes verbetes:

Quadro 1 – Visão do glossário A

GLOSSÁRIO A	
Categoria - <b>Alfabetização: entre o ato mecânico de ler e escrever e a perspectiva do direito</b>	
•	Alfabetizada [...] “a pessoa capaz de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida” (Soares, 1995, apud Ribeiro; Vóvio; Moura, 2002, p. 3).
•	Escrita: “prática social complexa, desvendando sua diversidade, suas dimensões políticas e implicações ideológicas” (Ribeiro, 2003, apud, Conti, Carvalho, 2011, p. 643).
•	Leitura: a) “prática de letramento” (Albuquerque; Ferreira, 2008, p. 428) e “ação social e cognitiva” (Albuquerque; Ferreira, 2008, p. 433).
•	Leitura Literária: [...] uma dimensão significativa da cultura (indo além da leitura funcional), [que] instiga, mexe com [o] íntimo [e] remete a lembranças, [...] faz refletir, repensar a realidade e [...] “tira [as pessoas] do lugar-comum”, projetando futuros possíveis” (Eiterer; Abreu, 2009, p. 159).

Fonte: Silva, Santos e Martins-Oliveira (2020)

### 2.1.2 Alfabetização e letramento: relação de dois conceitos

Os textos reunidos nessa categoria perfizeram um quantitativo de 21, dentre os 27 artigos analisados e apresentaram maior influência do pensamento de Soares, M. (1999, 2018). Os autores demonstraram a apropriação de conhecimentos com base na obra intitulada “Alfabetização e Letramento” (Soares, M., 2018), onde destaca com muita propriedade a reinvenção da alfabetização. É que as discussões sobre o letramento a princípio apontavam a relação entre alfabetização e letramento como processos que se complementam, e o conceito de alfabetização perdeu as suas características específicas. Para esclarecimento Soares, M. (1999) mostra que ambos os conceitos vêm se delimitando, cada um com suas especificidades, sem que se separem no processo de aprendizagem, considerando que:

[...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (soares, m.,1998, p. 47 apud Albuquerque; Ferreira, 2008, p.428).

Para os pesquisadores mencionados, a especificidade de cada processo deve ser exercida especialmente na EJA. É que o uso social da escrita ao inserir-se nas práticas de letramento, o adulto necessita ter a habilidade desta, bem como da leitura para participar, de forma ativa, do/no contexto social. Nesse cenário estão os pesquisadores Ribeiro, Siqueira et. al.(2009); Conti, Carvalho (2011); Sá Junior e Santos (2011) e Pedralli (2012), dentre outros, dando ênfase que a alfabetização se realiza nas práticas sociais de letramento e o letramento acontece na medida em que o sujeito vai sendo alfabetizado.

Destacamos nessa categoria a semelhança com a anterior, pois a frequência maior de publicação deu-se nos anos entre 2008 e 2011, o que nos faz inferir que o surgimento do Grupo de Trabalho - 18 da Educação de Pessoas Jovem e Adulta, na Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (Anped) que, em 1998 trouxe um maior incentivo às pesquisas nas Universidades, incluindo temas articulados à Alfabetização, sobretudo, nas instituições públicas, e em 2011 considerando o incremento de Programas Federais de Alfabetização de Jovens e Adultos nos estados e municípios brasileiros com foco no letramento, a exemplo o Programa Brasil Alfabetizado (PBA). No quadro abaixo registramos os verbetes:

Quadro 2 – Visão do glossário B

GLOSSÁRIO B	
<b>Categoria - Alfabetização e letramento: relação de dois conceitos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Alfabetizar letrando: “ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (grifo dos autores). (Soares, 1998a, apud, Albuquerque; Ferreira, 2008, p. 428).</li> <li>● Alfabetização: a) [...] conhecimento e uso do código alfabético. (Matencio, 2003, apud Kaiser, et al., 2009, p. 151); b) ação de ensinar/aprender a ler e a escrever (Soares, 1998a, apud, Albuquerque; Ferreira, 2008, p. 428).</li> <li>● Letramento: a) “[...] práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (Soares, 2001, apud Kaiser, et al., 2009, p. 151); b) “o estado ou a condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. (Soares, 1998a, apud Albuquerque; Ferreira, 2008, p. 428), c) “conhecimento, uso e funções da palavra escrita nas interações sociais”. (Matencio, 2003, apud Equipe Núcleo EJA Guarulhos, 2009, p. 151); d) “compreender a leitura e a escrita como práticas sociais complexas, desvendando sua diversidade, suas dimensões políticas e implicações ideológicas” (Ribeiro, 2003, apud Conti; Carvalho, 2011, p. 643).</li> <li>● Letramento autônomo: concepção que mais circula, tem foco nas capacidades cognitivas, que podem ser medidas nos sujeitos. (Kleiman, 2001, p. 5).</li> <li>● Letramento estatístico: a) “[...] uma habilidade-chave esperada de cidadãos em sociedades sobrecarregada de informação, frequentemente vista como um resultado esperado da escolaridade e como componente necessário do letramento e da numeracia de adultos” (Gal, 2002, apud Conti; Carvalho, 2011, p. 645); b) capacidade de “desenvolver formas de registro, estratégias para contagem e para verificação dos dados” (Conti; Carvalho, 2011, p. 650).</li> <li>● Letramento ideológico: oposição ao letramento autônomo, para compreender o letramento não deixe de lado o contexto cultural, histórico e o discurso. (Kleiman, 2001, p. 5); (Vóvio; Kleiman, 2013, p. 6).</li> <li>● Práticas de letramento: “são sempre enraizadas em relações de poder, e que as aparentes inocência e neutralidade das ‘regras’ atuam para disfarçar as maneiras de manter esse poder através do letramento” (Street, 2003, apud Pedralli, 2012, p. 135).</li> </ul>	

Fonte: Silva, Santos e Martins-Oliveira (2020)

### 2.1.3 Linguagem: sentidos e perspectivas

Todas as categorias usaram as contribuições da Linguística e para tanto citaram pesquisadores da área como Kleimain (2001), Matêncio (2003), dentre outros. Destacamos nessa categoria que reuniu menor número de textos, um total de 4 dentre os 27 artigos, a linguagem esteve presente com mais explicitude. Apontamos a produção de: Souza e Mota (2007); Aguiar (2009); Santos (2012) e Alvarenga (2014), que fizeram a relação predominante nos seus escritos com pesquisadores da Linguística.

A exemplo citamos Santos (2012), que faz referência a Bakhtin (1990), e afirma que “[...] toda linguagem é um ponto de vista, uma perspectiva socioideológica dos grupos sociais e dos seus representantes personificados” (Bakhtin apud Santos, 2012, p. 296), como expressa o texto de Souza e Mota (2007) que referenciam Marcuschi (1995), articulando alfabetização como a ação de decodificar em um contexto de práticas sociais usando os gêneros textuais, que circulam na sociedade.

Leitura como a de Marchuschi (2008) nos permitiu pensar sobre o conceito de linguagem, que não se afasta do que foi trazido por Bakhtin (1990), que a considera como fundadora do sujeito e da sua consciência em si. Nesse sentido, o sujeito alfabetizado e letrado pode ter condições de compreender, por exemplo, que os gêneros textuais são usados na linguagem oral e escrita de acordo com o domínio discursivo que circula. O sujeito vai modificando a sua maneira de elaboração, e fazendo uso mais consciente e preciso da língua.

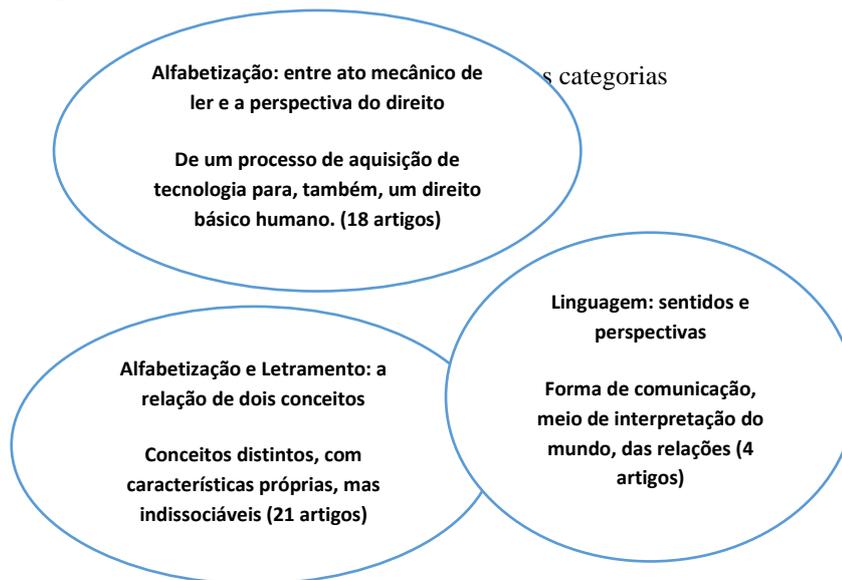
As publicações mencionadas nesta categoria compõem também as duas outras que lhes são anteriores e têm em comum que a linguagem é uma forma de comunicação, interação e representação, fatores que foram influentes no glossário, que se segue.

Quadro 3 – Visão do glossário C

GLOSSÁRIO C	
Categoria - <b>Linguagem: sentidos e perspectivas</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Linguagem: a) “[...] expressividade de todo ato humano” (Alvarenga, 2014, p. 3); b) “[...] forma criada pelos homens onde estes e os sentidos se constituem dialeticamente.” (Alvarenga, 2014, p. 4); c) “[...] pensamento e realidade, cuja transformação, ao exigir novas formas de compreensão, coloca também a necessidade de novas formas de expressão”. (Freire, 1981, apud, Alvarenga, 2014, p. 10); d) “[...] ideologia e sentidos da experiência como elo que ressignifica a leitura do mundo e da palavra, expressão de práticas sociais.” (Freire, 1981, apud Alvarenga, 2014, p. 15).</li> <li>● Enunciado: “unidade real de uma comunicação verbal a partir de um sujeito de um discurso-fala se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (Bakhtin, 2000, apud Alvarenga, 2014, p. 5).</li> <li>● Palavra: “ela não é um produto individual, tampouco é expressão de uma só voz, já que não existe um sujeito fundador e senhor do sentido da palavra” (Bakhtin, 1992, apud Alvarenga, 2014, p. 5).</li> <li>● Relação dialógica: “[...] é uma relação de sentido estabelecida entre enunciados, pois o sistema linguístico apresenta apenas um caráter potencial, mas a relação com o sentido é sempre dialógica e este se distribui entre as diferentes vozes” (Bakhtin, 2003, apud Santos, 2012, p. 296).</li> </ul>	

Fonte: Silva, Santos e Martins-Oliveira (2020)

A figura que segue ilustra e sintetiza os achados da pesquisa. Ressaltamos a relação dos artigos que se situam tanto na primeira como na segunda categoria, onde avançam no conceito de letramento, e resultam na presença do mesmo texto e duas categorias distintas, a exemplo de Conti e Carvalho (2009), Pierzckalski, Bellng, Carlos (2019), entre outros. Isso explica a soma dos textos das categorias não coincidir com o total de artigos que compõem corpus do estudo.



Fonte: Silva, Santos e Martins-Oliveira (2020)

É importante registrar que a frequência de estudos publicados em cada ano no recorte temporal estudado (2001-2019), e considerando as regiões brasileiras, demonstrou a centralização de publicações de artigos sobre a temática em questão, no Sudeste e no Sul o que se justifica por terem as universidades públicas inserido nos cursos de Pós-Graduação no final da década de 1990 e linhas de pesquisa voltadas para a EJA. Isso motivado, sobretudo, pelas lutas dos movimentos sociais e da criação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (Anped), dentre outras Associações, no período da redemocratização do Brasil (1975-1988), que trouxe discussões de muitos temas, dentre eles a formação de professores da Educação Básica.

O Centro-Oeste, Norte e Nordeste, apresentaram publicações com número limitado, em periódicos pesquisados (A1 a B2), o que não significa que não existam publicações em outros Qualis. Essas duas últimas regiões, somente

a partir do ano 2000, se voltaram para a formação do professor de EJA, no âmbito da Pós-Graduação.

### **3 (In)Conclusão**

Este artigo que teve como objetivo socializar o processo que originou a genealogia e a cartografia sobre alfabetização/letramento na EJA, permitiu a organização de um banco de dados, que se constituiu de glossário composto de verbetes com os conceitos de alfabetização/letramento e linguagem abordados nas publicações que compuseram o corpus da pesquisa Pibic ciclo 2019-2020. Percebemos que o número de artigos é escasso quantitativamente em relação ao período estudado (2001-2019), o que limitou também a possibilidade de dispormos de mais verbetes constantes no glossário, e expressos didaticamente por categorias. Mostrou, ainda, o diálogo teórico-conceitual promissor entre os autores da Educação e da Linguagem nas publicações, analisadas.

No percurso do artigo mereceram destaques:

- O conceito de alfabetização no contexto da EJA se caracterizou por sua transformação ao longo do tempo, por influência das práticas sociais e pelas críticas que foram sendo tecidas ao “modelo” de alfabetização que privilegiava apenas uma faceta desse processo de aprendizagem - o código alfabético e ortográfico. A alfabetização passa a ser um direito humano, por meio do qual o sujeito consegue ter a possibilidade de se “inserir” no sentido freireano na sociedade. Nesse momento a alfabetização se vincula ainda mais às práticas sociais;

- A discussão que os autores dos artigos estudados focaram sobre a alfabetização/letramento e linguagem, que estão agrupados na primeira categoria – Alfabetização: entre o ato mecânico de ler e escrever e a perspectiva do direito apontaram críticas aos sentidos do ato de alfabetizar de forma mecânica, e ressaltaram a defesa da alfabetização dentro de um processo mais crítico de educação, articulando-se ao letramento;

- Em relação ao processo de alfabetizar letrando que se fez presente de forma mais incisiva na segunda categoria, denominada: “Alfabetização/letramento: relação de dois conceitos” ficou entendido, que há uma diferença entre esses dois conceitos e, necessitam serem didaticamente estudados, no entanto, são processos indissociáveis no ensino-aprendizagem, para que os estudantes tenham o domínio da escrita e da leitura, e entendam as funções sociais destas habilidades e quais seus impactos em suas vidas cotidianas e no contexto social;

- Compreendemos que a relação entre os conceitos: alfabetização/letramento são extremamente necessários em todas as modalidades de ensino e, principalmente, na EJA, uma vez que o público da educação de jovens, adultos e idosos passou pela privação do direito à educação durante um período considerável de suas vidas e os motivos para tal são as condições capitalistas que norteiam a sociedade. É certo que a leitura do mundo, os sujeitos da EJA dispõem independentes de serem alfabetizados, no entanto, precisam da leitura da palavra para rerelem o mundo apropriando-se dos saberes e conhecimentos necessários para transformarem-se;

Na terceira e última categoria - Linguagem: sentidos e perspectivas -, destacamos o conceito central da linguagem. É que os artigos mostraram que os estudos da linguística são necessários nos processos de alfabetização/letramento dos sujeitos da EJA, permitindo a interpretação do mundo, considerando que a fala e a escrita se realizam por meio de gêneros textuais possibilitando ao sujeito fazer o uso consciente da língua. Compreendemos que a linguagem perpassa todos os momentos da vida das pessoas, *dentrofora* da escola a exemplo do seu uso, na EJA<sup>7</sup>, no estado pandêmico que vivemos no Brasil a partir de março de 2020, o que nos faz considerar imprescindível continuar refletindo sobre e com a linguagem.

Por fim, ressaltamos que os verbetes compostos no glossário por categorias farão parte do contexto da pesquisa matriz e de outras investigações que compõem a rede luso-brasileira. Dessa forma, o trabalho que se conclui não se esgota com este estudo que significou uma contribuição, que consideramos inicial e que se articulará com outras pesquisas, para uma maior ampliação e aprofundamento.

## Referências

Aguiar, M. V. V. de. (2009). Alfabetização e participação social de jovens e adultos no Distrito Federal. *Meta: Avaliação* | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 44-72, jan./abr. 2009.

Albuquerque, E. B. C. de. Ferreira, Andréa Tereza Brito. (2008). A construção/fabricação de práticas de alfabetização em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Educação*, Santa Maria, v. 33, n. 3, p. 425-440, set./dez. 2008.

Arroyo, M. (2017). *Passageiros da noite – do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis: Vozes.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.

Bakhtin, M. (1992). Os gêneros do discurso (1952-1953). In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

Bogdan, r. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Branco, V. (2007). A sala de aula na educação de jovens e adultos. *Educar*, Curitiba, n. 29, p. 157-170.

Campos, P. B. B. Tenani, L. Berti, L. (2012). As grafias não convencionais da coda silábica nasal: análise de dados de EJA. *Alfa*, São Paulo, 56 (2): 673-704.

---

<sup>7</sup> Esse uso por meio das atividades remotas que os-as professores-as de Eja tem desenvolvido no município de Maceió objetivando a não dispersão dos estudantes.

Conti, K. C. Carvalho, D. L. de. (2009). A educação estatística na educação de jovens e adultos: a inclusão em atividades letradas. *Educação: Teoria e Prática* - v. 19, n.33, p.177-193, jul.-dez.-2009.

Conti, K. C. Carvalho, D. L. de. (2011). O letramento presente na construção de tabelas por alunos da educação de jovens e adultos. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 24, n. 40, p. 637-658, dez. 2011.

Eiterer, C. L.; Abreu, J. V. de. (2009). O letramento literário e a educação de jovens e adultos. *Revista Diálogo Educacional*, Paraná, vol. 9, núm. 26, janeiro-abril, pp. 149-160.

Equipe Núcleo EJA Guarulhos. (2009). Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos - subsídios para a prática educativa. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v.3, no. 2, p. 145-155, nov. 2009.

Ferreira, S. M. Carmo, G. T. (2013). Educação de jovens e adultos: representações sociais sobre a escrita. *VÉRTICES*, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.15, n. 2, p. 61-74, maio/ago. 2013.

Freitas, M. et al. (2020). Alfabetização na EJA: possibilidades de ampliação dos direitos de aprendizagem para jovens e adultos poucos escolarizados In: *Práticas de Alfabetização: processos de ensino e aprendizagem*. (Orgs.). Margarida do Carmo Silva, Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral, Recife, Ed. UFPE.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler*. 23 ed. São Paulo: Autores Associados Cortez.

Freire, P.. *Política e educação: ensaios*. (2001). 5. ed - São Paulo: Cortez.

Haddad, S. (2000). *Educação de jovens e adultos no Brasil: 1986-1998*. Brasília/MEC/NEP.

Kastrup, V. (2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan/abr. 2007.

Kleiman, Â. B. O que é letramento. (1995). In: *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Kleiman, Â. B. (Org.) Campinas: Mercado de Letras.

Kleiman, Â. B.. (2001). Programas de educação de jovens e adultos e pesquisa acadêmica: a contribuição dos estudos do letramento. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 267-281, jul./dez. 2001.

- Klinke, K. Antunes, H. S. (2008). A modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em perspectiva: práticas escolares de letramento e formação de professores(as). *Educação*, Santa Maria, v. 33, n. 3, p. 441-456, set./dez. 2008.
- Lima, T. C. S.; Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: *Rev. Katálysis*, vol. 10, Florianópolis.
- Lüdke, M. e André. (2009). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária.
- Machado, M. B. W. (2001). Nunes, A. L. R. Alfabetização de Jovens e Adultos: uma reflexão. *Educação*, [s.i.], v. 26, nº . 2.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editora.
- Moraes, et al. (2007). A educação de jovens e adultos na FAGED/PUCRS: reconfigurando saberes. *Educação*, Porto Alegre/RS, n. especial, p. 77-86, out. 2007.
- Pedralli, R (2012). Usos sociais da escrita em espaço escolar: as relações estabelecidas por mulheres inseridas em turma de primeiro segmento da EJA. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 128-144, abr./jun. 2012.
- Pierzckalski, C. C.; Behling, R. Carlos, L. C. (2019). O ensino da EJA nos anos iniciais: dificuldades e possibilidades. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. v. 05, ed. especial, abr., 2019.
- Ribeiro, V. M. Vóvio, C. L. Moura, M. P (2002). Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 49-70, dez. 2002.
- Santos, I. B. de A. (2012). Letramento cívico na EJA: o trabalho com os gêneros discursivos em projetos de letramento. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 283-303, out./dez. 2012.
- Segrillo, P. M. Silva, A. P. de P. (2011). Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos. *Revista Eventos Pedagógicos* v. 2, n. 2, p. 201 – 209, Ago./Dez.[s.i.], 2011.
- Simões, F. M., Fonseca, M. da C. F. R. (2012). “Escrever explicando é mais difícil”: hipóteses de estudantes adultos sobre a produção de textos escritos. *Educação Unisinos*, volume 16, número 1, p. 79 – 86, janeiro-abril, Belo Horizonte.
- Siqueira, R. A. R.; Belling, J.; Chu, L Silva V. (2009). “A Educação pela pedra”: alguns olhares sobre a linguagem artística no letramento de jovens e adultos. *Educação: Teoria e Prática*, v. 19, n. 33, p. 87-99, jul.-dez., 2009.

Soares, L. (2008). Contribuições da Anped à EJA: a produção do GT 18 1998. *Anais da 31ª Anped*, Caxambu.

Soares, M. (1999). *Letramento: um tema de três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.

Soares, M.. (2018). *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto.

Soares, M. (2020). *Alfaletrar: toda criança pode aprender*. São Paulo: Contexto.

Souza, J. F. de. Mota, K. M. S (2007). O silêncio é de ouro e a palavra é de prata? Considerações acerca do espaço da oralidade em educação de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 36 set./dez. 2007.

Street, B. V. (2014). *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Parábola.

Stromquist, N. P. (2001). Convergência e divergência na conexão entre gênero e letramento: novos avanços. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 301-320, jul./dez. 2001.

Vóvio, C. L Kleiman, A. B. (2013). Letramento e a alfabetização de pessoas jovens e adultas: um balanço da produção científica. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 33, n. 90, p. 177-196, maio-ago. 2013.